

## AVISO TRÁGICO

**\* Roberto Rodrigues**

Faz um mês que começou o vazamento de petróleo no Golfo do México, com o acidente trágico da explosão na plataforma de prospecção submarina de petróleo operada pela BP, onde morreram 11 trabalhadores e 17 ficaram feridos.

Está evidente a dificuldade para conter o vazamento localizado na boca do poço a uma profundidade de 1.500 metros da superfície do mar, mais de três vezes mais raso do que o nosso pré-sal, que está entre 5 e 7 mil metros. Felizmente a Petrobrás tem a melhor experiência entre as petroleiras do mundo todo na exploração em plataforma continental.

Nem o governo americano e nem a BP, anteciparam este desastre e, para mitigar os danos, a BP aplicou enormes quantidades de dispersantes no mar – a maior parte diretamente no local do vazamento – tentando evitar que parte do petróleo chegasse à superfície marinha. Esta operação é polêmica, pois técnicos especialistas acreditam que o dispersante aplicado é tóxico, piorando a questão ambiental.

O acidente deve superar em gravidade o que ocorreu no Alasca com o petroleiro Exxon Valdez, em 1989, quando 42 bilhões de litros vazaram, matando milhares de pássaros e animais marinhos, destruindo várias empresas pesqueiras e de turismo, com efeitos negativos visíveis até hoje.

O desastre do Golfo do México ainda não está medido porque as informações são extremamente díspares: alguns analistas afirmam que o vazamento pode ser da ordem de 800 mil litros de petróleo por dia; mas outros informam que ele pode chegar a 15 milhões de litros por dia. Diante de tamanha diferença – que pode ser debitada à impossibilidade de saber o que é certo ou ao fato de não haver interesse em publicar o número correto – fica difícil calcular de maneira adequada os prejuízos decorrentes. Se imaginarmos um valor médio entre esses números possíveis, da ordem de 240 a 250 milhões de litros neste mês, e considerando o preço do petróleo a 83 dólares/barril, o prejuízo direto até agora, só em termos econômicos já é de 125 milhões de dólares. E a plataforma perdida valia U\$ 350 milhões.

Estima-se que cada dia de vazamento represente U\$10 milhões em perdas de produtos, custos operacionais na contenção do vazamento, e que as perdas econômicas em turismo e pesca cheguem a U\$5,5 bilhões; e não há condições de saber o brutal impacto ambiental do evento. No entanto, é notório que a mancha de petróleo já cobre 6.500 km<sup>2</sup>, uma enormidade.

Caso esse derramamento fosse de etanol, produto totalmente miscível com água e biodegradável, as conseqüências seriam enormemente menos impactantes e custosas.

Corrigindo para densidade e conteúdo energético do vazamento de petróleo, a UNICA calcula que o volume corresponderia a 400 milhões de litros de etanol hidratado, o que seria produzido em 60 mil hectares, onde milhares de empregos seriam gerados seqüestrando CO<sub>2</sub> e produzindo um biocombustível que emite 89% menos CO<sub>2</sub> que a gasolina derivada do petróleo.

Oxalá a BP consiga conter o derramamento o mais rápido possível, para reduzir as perdas já formidáveis.

Mas este é mais um elemento para se avaliarem as extraordinárias vantagens da agroenergia sobre o combustível fóssil e para pensar nos riscos existentes na exploração a grandes profundidades.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**